

## Música na vida cotidiana

Rosemyriam Cunha<sup>1</sup>

Maria Carolina dos Santos Cruz Pacheco<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho mostra significados da presença da música na rotina diária de pessoas jovens e idosas. Para uma análise comparativa, foram organizados quadros com informações obtidas em pesquisas realizadas pelas autoras. Os dados revelaram que a música estava presente nas rotinas de vida, associada a fatos vividos, eliciava lembranças e emoções. A música emergiu como um elemento capaz de ampliar as capacidades comunicativas das pessoas, um evento psicossocial e terapêutico cujo estudo colabora para a construção epistemológica do campo da Musicoterapia.

**Palavras-chave:** Música; vida diária; musicoterapia.

**Abstract:** This work has analyzed the presence and meaning of music inside the daily life of young and old people. Two charts display information from previous studies conducted by the authors in order to make a comparative analysis. The findings showed that music was constantly present in everyone's daily life and was associated to the person's biographical context. In this point of view, music turned out to be a psychosocial and therapeutic element which study collaborates for the epistemological construction of the Music Therapy field.

**Key words:** Music; daily life; Music Therapy.

### Introdução

Ações e eventos que acontecem e se que repetem com certa frequência na vida cotidiana contribuem para a construção da realidade vivenciada em determinado meio social. A presença de condutas e de pensamentos recorrentes agregam um sentido de regularidade à existência das pessoas (PAIS, 2003). Nesse sentido, as pessoas situadas em uma sociedade e em um tempo histórico, concretizam, por meio de suas vivências rotineiras, fatos da sua cultura e atribuem sentido aos elementos que compõem seu dia a dia.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Professora da Faculdade de Artes do Paraná, curso de Musicoterapia.

<sup>2</sup> Musicoterapeuta (FAP), Especialista em Terapia Comunitária (UNIFESP), Especialista em Intervenções em situações limite desorganizadoras (SEDES), musicoterapeuta atuante nas áreas: Social e Saúde Mental.

Na trama do dia a dia, ocorrem as interações sociais que se realizam por meio de variadas formas de expressão. A linguagem, os gestos, as posturas corporais, os símbolos, as imagens, os sons e até a mídia, são mediadores da interação e da comunicação entre as pessoas (PALHEIROS, 2006). Entre essas múltiplas formas comunicativas, as manifestações artísticas se inserem no âmbito dos meios de expressão e partilham de significados da sociedade ocidental contemporânea. Eventos coletivos como música, shows, histeria coletiva, o rompimento entre o público e o privado, as estéticas diversificadas nos espaços urbanos, se evidenciam como marcos das atitudes comunicativas da atualidade (MAFFESOLI, 2005).

Os sons, quando estruturados em melodias, canções, rimas, timbres e ritmos, constituem-se em formas criativas e artísticas que permeiam a rotina existencial das pessoas e possibilitam diferentes modos de comunicação (ILARI, 2006, PALHEIROS, 2006, HARGREAVES e ZIMMERMAN, 2006). As condições de reprodução, fruição, participação e audição da música, hoje em dia, se ampliaram em relação às condições existentes antes do advento dos meios de comunicação eletrônicos como o rádio, a televisão, o gravador, o computador. A criação e evolução de sistemas portáteis de produção e repetição sonora facilitaram a incorporação da música às práticas da vida cotidiana.

A partilha social da música, antes da atual expansão tecnológica, promovia a reunião da comunidade em torno de um mesmo evento ou fonte musical. Na contemporaneidade, o compartilhamento da produção cultural sonora se estendeu para além dos espaços de concertos e shows. A fruição individualizada e solitária da música tornou-se uma possibilidade que pode ser efetivada via aparelhos fixos ou portáteis, idealizados e comercializados para que o consumidor possa escolher os intérpretes e repertórios que quer ouvir, numa relação dual com os fatos sonoros. Os modernos e miniaturizados objetos que armazenam e reproduzem músicas como *Ipods* e celulares, se agregam aos corpos numa relação quase simbiótica, na qual fios e fones de ouvido promovem experiências sonoras privadas, no seio do coletivo.

A partir do pensamento de que a presença e fruição da música se tornou um fenômeno que se modifica em nossa sociedade, o significado dos eventos sonoros, nos diversificados contextos da vida cotidiana, passou a ser investigado por diferentes áreas do conhecimento. Entre estas, destaca-se a Musicoterapia que, como campo de prática e de pesquisa, utiliza música como meio de comunicação e interação com fins terapêuticos.

## **Musicoterapia**

Do ponto de vista científico, a Musicoterapia é um campo do conhecimento que estuda os fenômenos decorrentes da aplicação científica da música e dos sons, em interações mediadas por um musicoterapeuta, com o objetivo de promover, prevenir ou reabilitar a saúde física, mental e emocional das pessoas.

Uma área de conhecimento se torna científica pela sua possibilidade de problematizar questões e temas, pela relevância dos objetos internos, pela coerência de suas teorias e métodos. Também um conjunto referencial de estudos e pesquisas próprios ao campo, o “estado da arte”, que permita identificar dúvidas, avanços e retrocessos na investigação, torna-se outro requisito inerente à construção da cientificidade (FARR, 1996).

No que se refere ao campo científico da Musicoterapia, pode-se dizer que, na última década, houve um incremento no âmbito das investigações da área. Problematizações referentes à prática e à teoria musicoterapêutica têm sido tratadas sob o entendimento de que quando se trabalha, estuda e pesquisa no campo das artes, mais precisamente, na relação que se estabelece entre o ser humano, a música e a saúde, se faz ciência (BRUSCIA, 2000).

A pesquisa em Musicoterapia tratou de investigar expressões, abordagens, métodos e técnicas de utilização da música como um meio de cuidado da saúde em uma diversidade de populações, na visão dos estudiosos da psicologia social da música Hargreaves e North (1997). Esses autores encontraram pesquisas, datadas entre os anos de 1930 a 1994, que consideravam a música como elemento terapêutico. Os estudos descreviam tratamentos musicoterapêuticos para o alcoolismo, a esquizofrenia, a epilepsia, danos cerebrais e dificuldades na fala. A literatura mais recente na área, indicada por esses mesmos pesquisadores, dirigiu-se ao registro da história da musicoterapia e ao estudo dos fundamentos metodológicos que oferecem ao leitor uma compreensão do que vem a ser a profissão do musicoterapeuta.

Publicações e eventos científicos concretizados em anos mais recentes têm colaborado com a consolidação do campo científico da Musicoterapia. As pesquisas acadêmicas também se responsabilizaram por apresentar e publicar dados para a descrição e definição da prática da profissão. Nesse caminho, um referencial teórico que esclarece os objetivos, fundamentos e procedimentos de atuação nessa área tem se avolumado.

Esta produção teórica tem evidenciado que a música é o elemento central da prática e da teoria da Musicoterapia. Segundo estudos verificados (BRUSCIA, 2000; RUUD, 1998;

MILLECO FILHO, BRANDÃO e MILLECO, 2001), a música passou a ser considerada como um fator que, ao ser inserido no ambiente terapêutico, possibilitou o desenvolvimento de processos de comunicação e promoção de saúde.

Os musicoterapeutas Bruscia (2000) e Ruud (1998), em suas descrições teóricas afirmaram que as sonoridades que envolvem os fatos vivenciados no dia a dia se tornam parte de histórias de vida. A música, ao se configurar como parte da biografia das pessoas, poderia eliciar lembranças, sentimentos e emoções referentes a estas vivências. Sob esta perspectiva, a compreensão da presença da música na rotina diária das pessoas se amplia. Além de ser um elemento de distração e entretenimento, as sonoridades passam a receber significados, já que fazem parte de vivências concretas.

Na medida em que a música se configura como um elemento interpretativo das vivências do dia a dia, também se expandem as possibilidades de utilização da arte musical. Ela pode então se constituir em instrumento terapêutico. É como um evento construtor da história de vida musical das pessoas que a música se torna elemento central da práxis em Musicoterapia.

### **Música e vida cotidiana**

Do ponto de vista das ciências sociais, o cotidiano é visto como um lugar social de processos, de crenças, de construção de sentido pela via das práticas de comunicação e interação. Nesse ambiente de trocas comunicativas as pessoas vivenciam processos intersubjetivos por meio dos quais constroem suas identidades, estabelecem normas e instituições sociais (SOUZA, 2000).

Conforme Pinheiros (2006), a vida cotidiana é o lócus onde se expressam as experiências de vida e os contextos de relações distintas que envolvem pessoas, coletividades e instituições, em espaços e tempos determinados. Kujawaski (1988), considerou o cotidiano como uma medida da sucessão da vida humana, feita de um dia após o outro, que inclui o indivíduo no plano da vida em comum e funciona como uma vivência comunitária a ser preenchida com a criatividade pessoal.

A vida cotidiana, de acordo com Heller (2008), é a vida do indivíduo e este já nasce inserido em sua cotidianidade. No dia a dia o homem exercita todas as suas capacidades em variadas direções, por isso exerce sua individualidade sem deixar de ser genérico. A autora considerou que a organização do trabalho, a vida privada, o lazer, o descanso e a atividade social sistematizada são partes orgânicas da vida cotidiana. A arte, como parte

da cotidianidade humana seria capaz de romper com o a “tendência espontânea do pensamento cotidiano (...), pois, graças a sua essência é autoconsciência e memória da humanidade” (HELLER, 2008, p.43).

As definições acima apresentadas são relevantes para o entendimento da dimensão do vivido, do cotidiano. As perspectivas dos autores mostraram que conceitos e concepções de vida cotidiana são complexos e que aspectos como individualidade, coletividade e historicidade caracterizam as vivências do dia a dia. Vygotsky (1999) finaliza esta conceituação ao considerar que o homem vive e se desenvolve no contexto do seu meio social e cultural, no qual se encontram suas expressões artísticas. A cultura, para esse autor, é tudo aquilo que o homem cria. A arte, como produto do ato criativo humano, se constitui parte da cultura e do meio social. A cultura fornece dispositivos com os quais as pessoas constroem a vida cotidiana, elementos estes que se diferenciam conforme os contextos históricos e sociais.

A música, elemento artístico inserido na dinâmica de vidas concretas, é um fenômeno social, presente na cotidianidade. Sua presença se faz nas diversas situações da vida contemporânea (HAYS; MINICHELLO, 2005). A música entendida como um fato sonoro, rítmico, melódico, poético e harmônico é produto da atividade humana. E, em uma concepção ampla de música, como a aqui proposta, deixam de entrar em discussão qualidades estéticas, características de estilos ou época histórica de sua composição.

As produções sonoras são consideradas, nesta perspectiva, como manifestações acústicas, cultural e socialmente partilhadas. O conjunto de manifestações sonoras como os comerciais veiculados em espaços públicos, a ambientação sonora nas salas de espera, a música tocada no interior de meios de transporte, trilhas sonoras irradiadas pela televisão, rádio, computador, toques de celulares, entre outras, são contextos musicais que permeiam a trama vivencial das pessoas.

Por esta via, parte-se do pressuposto de que a música se constitui em um elemento social e cultural que permite a expressão e interpretação de eventos vivenciados pelas pessoas no decorrer de sua trajetória de vida. Como atividade, a música é considerada essencial para o desenvolvimento integral do homem, já que seu potencial criativo, pensamento, imaginação e emoção, estão presentes em todas as dimensões da realidade por ele vivida.

Considerou-se neste trabalho, a visão de que as pessoas são capazes de construir sentido e interpretar os eventos que acontecem na sua rotina de vida. De acordo com Hall (1997), as pessoas se expressam por meio dos elementos disponíveis na sua cultura - conjunto de valores, saberes, conhecimentos, instrumentos, ferramentas, costumes

desenvolvidos por um grupo social. Por essa perspectiva, pressupõe-se que, ao se envolver em suas atividades diárias, as pessoas se manifestam, escolhem, criam, se emocionam, interagem e dão significado aos fatos de seu cotidiano. Assim, tornam-se capazes de transformarem-se ao mesmo tempo em que transformam o meio em que vivem, movidas pelo pensamento e pelo sentimento.

### **Metodologia e análise dos dados**

Este trabalho partiu de uma revisão de literatura na qual se constatou a existência de artigos que versavam sobre a música e a vida cotidiana, porém, no campo da Musicoterapia, nenhuma investigação centrada no tema foi encontrada. No entanto, na produção literária revisada encontrou-se a citação de autores musicoterapeutas em textos de artigos de diferentes campos do conhecimento. Dentre essas pesquisas destacaram-se Iazzetta (2001), Godeli e Miranda (2002) e Assano (2004). Estes autores relataram que, independente do momento histórico, a música esteve presente na rotina da vida das pessoas. A atual integração da música, dos meios de veiculação da arte musical, nas suas múltiplas possibilidades de acesso às vivências do dia a dia, modificaram, segundo esses estudiosos, a rotina e os costumes das pessoas.

Decidiu-se, frente a estas constatações, dar continuidade ao estudo do assunto aqui em tela, tendo em vista a importância do tema para a construção epistemológica da Musicoterapia. Para isto, formou-se uma matriz empírica, aqui organizada em dois quadros, que mostram os dados obtidos em duas pesquisas anteriormente realizadas pelas autoras. Por meio deste recorte analítico de dados (Lopes, 2007), efetivou-se uma análise comparativa das informações contidas na matriz empírica deste artigo, aos achados de outros autores. Essa aproximação de pensamentos fundamentou a construção de um painel de conceitos e reflexões. A escolha por esta metodologia justificou-se devido à qualidade exploratória e demonstrativa que foi originalmente atribuída aos dois estudos citados.

Quanto às pesquisas matrizes, uma delas tratava-se de um estudo psicossocial sobre a vida de mulheres idosas na cidade de Curitiba, baseado em um referencial teórico da psicologia social comunitária. Nesse trabalho pesquisou-se, por meio de entrevistas em profundidade, as estratégias de sobrevivência dessas mulheres e buscou-se analisar o significado da música na vida dessas pessoas.

O segundo artigo foi dedicado a investigar o sentido atribuído à música entre grupos de jovens e de idosos em duas cidades de diferentes estados brasileiros. Também nesta investigação a estratégia de construção de dados utilizada foi a entrevista. Em ambos os trabalhos os dados foram tratados de maneira semelhante. Os depoimentos reunidos nas entrevistas foram codificados pela semelhança de conteúdo e reunidos sob um mesmo título ou assunto. Das respostas coincidentes pôde-se chegar aos temas recorrentes que se tornaram as categorias de análise das respostas. Essas respostas foram agrupadas em quadros que mostraram os dados reunidos e categorizado sob títulos temáticos. A análise dos quadros revelaram fatos relevantes e muitas vezes similares sobre o papel e o significado da música para as pessoas, independente da faixa etária ou da localidade na qual se encontravam.

No quadro dos dados que passa a ser agora discutido, foram detalhadas as formas pelas quais jovens e idosos brasileiros consideraram a música no dia a dia. A diferenciação das idades foi enfatizada apenas pela possibilidade de se estabelecer uma comparação entre dois grupos de pessoas que conviviam em uma mesma cultura e se distanciavam quanto ao tempo histórico de suas vivências. As faixas etárias aqui delimitadas seguiram os critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que indica limites entre 60 a 65 anos para conceituar o idoso.

Quanto aos jovens, procurou-se adotar critérios indicados na pesquisa nacional organizada por Abramo e Branco (2005). Segundo esses autores, a juventude é composta por pessoas que estão na faixa etária entre 16 e 24 anos.

No Quadro 1, encontra-se disponibilizado o conjunto de informações referentes às opiniões dos idosos. Conforme mostra esse primeiro recorte, a música foi indicada como um elemento presente no dia a dia do grupo de pessoas idosas. O interesse por ligar os aparelhos de veiculação sonora e a escolha das músicas, apareceu como uma ação intencional e de interesse pessoal. O rádio foi indicado como o meio de difusão sonora usado pela maioria. A opção por esse meio reproduzidor do som foi diretamente ligada à sua disponibilidade nos espaços escolhidos para a fruição musical. Estes eram os ambientes em que as pessoas passavam o dia e cumpriam a rotina de trabalho e de convivência social. A música foi considerada um fator importante para suas vidas e vivenciada nos momentos destinados ao lazer, relaxamento e meditação.

Acosta-Orjuela (1999), em estudo sobre o uso da televisão pela população idosa, informou que as primeiras investigações sobre as “gratificações inerentes ao uso dos meios de comunicação de massa remontam a 1942” (p. 186). Naquela época, se explorava o interesse da audiência pela música clássica e por novelas que eram

transmitidas pelo rádio. Esses estudos descreviam os processos de recepção dos meios de comunicação e procuravam explicar o uso que indivíduos e grupos faziam deles. Variáveis sociais e psicológicas foram consideradas sob a premissa de que estas influenciavam no processo de comunicação de massa.

#### QUADRO 1- CONJUNTO DAS OPINIÕES DOS IDOSOS

CATEGORIAS	DADOS
<b>IDOSOS</b>	
1.Frequência da audição de música:	Todos os dias
2.Local da audição:	Em casa, ônibus, festas e trabalho
3.Aparelho utilizado:	Rádio, aparelho de reproduutor de CD, TV
4.Razão para a opção pelos aparelhos citados	Porque eram os que estavam disponíveis
5.Função da música no dia-a-dia:	Lazer, relaxamento, fundo musical e meditação
6.Música na rotina diária:	É importante
7.Estilo preferido:	Evangélica, sertaneja de raiz, popular brasileira, xote, baião, valsa, erudita
8.Significado da música no dia-a-dia:	Paz, tranquilidade, ânimo na vida, alegria, distração, bem-estar, traz lembranças do passado
9.Opção pela música que escuta	Própria, pessoal.
10.Associação da música:	Associações a fatos vivenciados na história de vida
11.Temas eliciados pela música:	A figura materna, a juventude
12.Vida sem música:	Ruim, vazia, tristeza, sem distração

Estas investigações revelaram que a conduta dos ouvintes se explicava pelas necessidades e pelos interesses dos indivíduos. Pesquisas mais recentes também deram conta de que as pessoas supostamente encontraram, no contato com o material veiculado pelos meios de comunicação, gratificações capazes de substituir a interação social real. Nesse sentido, uma “atividade parassocial” (ACOSTA-ORJUELA, 1999), deliberadamente buscada, ou não, seria desencadeada pelos usuários. As colocações desse autor se aproximaram das evidências mostradas no Quadro 1. Pode-se pensar, nesse sentido, que o rádio, para a população idosa, se tornou uma fonte de comunicação capaz de compensar a falta de companhia gerada pela redução das relações sociais além de servir como base de entretenimento e informação



Os estilos musicais de preferência dos idosos, conforme mostrou o Quadro1, foram variados e passaram pelo sertanejo de raiz, que caracteriza uma produção musical calcada em elementos da cultura nacional, até a música erudita da cultura ocidental. Independente do gênero ou estilo que compunha o repertório dos idosos, a música foi dotada de significações variadas que remeteram a sentimentos de calma, paz e também um facilitador da produção de reminiscências.

A associação da música aos fatos vivenciados no passado, fato também encontrado em Ilari (2006), Hays e Minichello (2005), foi uma informação evidenciada nessa primeira matriz de dados. As imagens da figura materna e da juventude se destacaram como as cenas resultantes da produção de associações. A música foi considerada um fator que atribui valor à vida, já que sem ela a existência seria triste e sem graça.

Pesquisas recentes e oriundas da neurociência e da psicologia social da música podem corroborar os dados acima expostos. Levitin (2006) considerou a música como um elemento facilitador da dinâmica de estocagem de eventos significativos na memória. Ilari (2006), também concluiu que a música podia exercer influência sobre o resgate mnemônico de fatos vividos no passado, já que 92% de seus entrevistados disseram que melodias específicas eliciavam recordações de fatos que foram importantes nas suas vidas.

Já Hays e Minichello (2005), ao investigarem o significado da música na vida de idosos, apresentaram resultados de *surveys* que comprovaram a audiência de pelo menos uma hora de música ao dia pelas pessoas. As razões para o envolvimento com a música, era emocional, ou seja, as pessoas buscavam, por meio do contato com a música, o entretenimento e alterações nos estados de humor.

Estes pesquisadores concluíram que a música favoreceu a produção de canais de conexão entre as pessoas e suas próprias emoções, fato que possibilitou a produção de reminiscências. Também encontram evidências de que a música propiciou a expressão de pautas identitárias, a sensação de competência, independência, bem estar e a diminuição do sentimento de solidão. Os gêneros musicais clássico e sertanejo de raiz (*country music*), foram por eles identificados como os de maior preferência entre o grupo que estudaram.

Hays e Minichelli (2005) observaram que, desde 1960, foram desenvolvidas pesquisas que destacam a importância da música como elemento terapêutico no atendimento à população idosa. Além da possibilidade da aplicação terapêutica de eventos sonoros, eles encontraram evidências de que a música agregou afeto e sentido às vidas dos idosos

que estudaram. Nos dados aqui apresentados, viu-se que a música imprimiu valor aos momentos de suas vidas, conforme foi exposto entre as categorias do Quadro 1.

A música também é um evento presente na rotina cotidiana dos jovens. Historicamente a juventude está associada à produção de sons de intensidade alta por meio dos quais procura visibilidade e afirmação. Os significados que os fatos sonoros adquirem para essa faixa etária foram analisados a seguir e, na comparação entre os dados das matrizes empíricas, revelou-se a proximidade das informações contidas nos quadros 1 e 2. Os dados referentes às opiniões de pessoas jovens estão organizadas no Quadro 2, a seguir:

QUADRO 2- CONJUNTO DAS OPINIÕES DAS PESSOAS JOVENS

CATEGORIA	DADOS
<b>JOVENS</b>	
1.Frequência de audição de música:	Todos os dias.
2.Local da audição:	Em casa, festas, trabalho, academia, carro
3.Aparelho utilizado:	Rádio, aparelho de som, TV, MP3, MP4, celular e computador
4.Razão para a opção pelos aparelhos citados:	Estavam associados a outras utilidades. Eram os que estavam disponíveis
5.Função da música no dia-a-dia:	Lazer, distração, relaxamento
6.Música na rotina diária	É importante
7.Estilo musical preferido	Rock, pop, música popular brasileira, sertanejo, jazz, heavy metal
8.Significado da música no dia-a-dia	Harmonia, energia lazer, distração, tranquilidade, forma de expressão de sentimentos
9.Opção pela música que escuta:	Própria, pessoal.
10.Associação da música:	A fatos da vida diária
11.Temas eliciados pela música	Conquistas da vida. Namorada. Formatura. Festas da faculdade. Relacionamentos. Viagem com Despedida. Cursinho pré-vestibular
12.Vida sem música	Vida sem concentração, sem distração sem alegria

O conjunto das opiniões reunidas neste quadro mostrou a presença diária da música na vida dos jovens nos diferentes lugares por onde transitavam, desde a casa, o trabalho, até nos meios de transporte e situações sociais festivas ou esportivas. Houve a indicação de uma diversidade maior de aparelhos eletrônicos para a reprodução sonora, se comparados aos citados pelos idosos. Mesmo assim, o rádio continuou sendo o aparelho mais utilizado. Também os autores Brenner, Dayrel e Carrano (2005), encontraram que ouvir rádio era uma atividade comum para 89% dos 1.170 jovens por eles entrevistados, mesmo ressaltadas as diferenças socioeconômicas que determinam modos heterogêneos de vivenciar a juventude na sociedade brasileira.

As razões para a utilização dos meios de comunicação citados foram associadas à facilidade de acesso e também à praticidade. Os jovens mostraram interesse na utilização de aparelhos que pudessem exercer mais do que uma função ao mesmo tempo, como por exemplo, o celular e o computador que armazenam músicas e também mediam a comunicação entre as pessoas. Destaca-se que telefonar foi uma atividade apontada como comum a 67% da população de jovens segundo Brenner, Daurell e Carrano (2005), enquanto que 17% disseram ter acesso ao computador.

O quadro revelou que para os jovens, a música propiciava o relaxamento e a distração, ou seja, estava associada aos momentos de lazer e foi avaliada como um componente de importância nas suas rotinas. Brenner e seus colegas (2005), destacaram que, para a maioria dos jovens brasileiros, são poucas as oportunidades de fruição de espaços de lazer. Neste sentido, a música se colocou como um bem cultural que pode ser socializado nas programações de rádio e televisão, aparelhos de acesso para maioria da população jovem. No entanto, ressaltaram esses autores, a produção de sentidos sobre aquilo que recebem dessas emissões ainda é um “desafio a ser analisado” (p.191).

Os estilos preferidos da juventude envolveram o rock e a música pop. Ilari (2006), fez uma análise aprofundada a respeito das associações entre os gêneros musicais a características identitárias dos ouvintes que entrevistou. Na pesquisa, a autora também identificou que o rock e a música pop foram estilos associados ao tempo da juventude “tanto por faixa etária como por espírito” (p. 169). Essas premissas reforçaram as informações contidas no Quadro 2, no que se refere ao sentido que os jovens atribuíram à música: divertimento e expressão de conteúdos subjetivos.

A música selecionada para a audição, pelos jovens, era escolhida por eles mesmos e estava associada a acontecimentos vivenciados no decorrer das trocas sociais de suas trajetórias históricas. Ilari (2006), também encontrou dados que comprovaram a associação da música a episódios importantes da vida de seus entrevistados como as

comemorações em família, passeios, auxílio para a concentração nos estudos, fonte de apoio na solidão e nos momentos de tristeza.

No segundo quadro os dados mostraram a presença de sentimentos contraditórios em relação à possibilidade da existência de uma vida sem música. Para os jovens, a existência sem música acarretaria em uma vida sem distração e sem concentração. Parece que essa expressão sintetizou o pensamento da população jovem, aqui verificado. A música foi indicada, na opinião dos jovens, como um fator de importância tanto em atividades de lazer e relaxamento como nas ações que exigiam o raciocínio lógico e a concentração da atenção.

### **Reflexões finais**

No decorrer da construção do painel aqui discutido, considerou-se que a apreciação, interpretação e utilização da música são ações que se concretizam conforme os valores e costumes vigentes em distintos meios socioculturais. Apesar de todas as sociedades do mundo produzirem modos de expressão musical, as formas pelas quais a música é utilizada e significada variam de acordo com as crenças, referências, acesso e conhecimento musical. Como foi visto, Vygosty (1999) já afirmava que os usos e significados que o homem atribui às expressões artísticas de sua cultura são conteúdos apreendidos no seio das relações sociais.

Sob essa perspectiva, pôde-se pensar, em comparação entre os Quadros 1 e 2, na semelhança de opiniões quanto ao papel e ao significado atribuídos à música na vida diária de jovens e de idosos. O paralelo entre as faixas etárias também mostrou similaridades nas formas de apropriação e utilização da música.

Em relação aos fatos associados à música, o conjunto de eventos indicados pelas pessoas idosas foi mais restrito do que o dos jovens. Estes elencaram um universo amplo de episódios de suas vidas associados a músicas específicas, embora tenham menos anos de vivências históricas quando comparados aos idosos.

O fato do rádio, instrumento de captação e emissão do som tradicional e de concepção centenária, ter sido indicado como o aparelho mais utilizado, surpreendeu devido à atual evolução tecnológica dos sistemas de reprodução sonora. Outro aspecto que fica em relevo é a influência que as emissoras de rádios exercem sobre a sociedade. Tanto a população jovem quanto a de mais idade, conforme mostraram os quadros, travam

contato diário com as programações irradiadas, fato que pode incidir sobre a formação cultural dessas populações.

A música foi indicada como um evento de presença diária nas moradias das pessoas, além dos ambientes de trabalho e dos meios de transporte público. Notou-se, porém, que a procura por lugares específicos para a apreciação de música ao vivo não emergiu dos dados, o que fez pensar sobre as condições de acesso aos espaços culturais públicos na realidade social brasileira.

No que se refere aos estilos musicais, o sertanejo, o evangélico e a música popular brasileira, foram citados entre as preferências de ambas as faixas etárias. A escolha do repertório de melodias para a audição foi assumida como uma ação autônoma, de decisão própria e essas músicas foram colocadas no lugar da expressão de estados emocionais, além de estarem associadas a eventos vivenciados no passado ou nas diferentes fases da vida.

Estas referências evidenciaram que a música que se faz presente na rotina da vida das pessoas propiciam movimentos subjetivos de interpretação e de significação. Conforme os dados indicados nos quadros, as melodias escolhidas para a fruição desencadeavam processos psicoemocionais como a autonomia para tomar decisões, o contato com sentimentos próprios e o despertar das reminiscências. Essa dinâmica revelou a manifestação de um movimento dialético no qual a música era dotada de sentido na medida em que os fatos significativos de suas vidas eram associados a essas melodias e canções.

Verificou-se, também, que a vivência diária da poesia das letras, dos ritmos e dos estilos musicais e a conseqüente atribuição de significado a esses elementos, possibilitou o desencadear de associações desses mesmos fatores às histórias e biografias humanas. Ao se compreender a música vivenciada no dia-a-dia por esta perspectiva, pode-se considerar que sons que permeiam a rotina diária contribuem para a constituição da subjetividade das pessoas.

Dessa maneira, as sonoridades do cotidiano podem ser consideradas como fatores psicossociais presentes nos ambientes existenciais das pessoas e capazes de exercer influências sobre as mesmas. Os sons e as melodias também passam a se constituir em elementos terapêuticos uma vez que possibilitam a expressão e interpretação da realidade interna de pessoas individuais e coletivas.

Destaca-se, por fim, que a peculiaridade da semelhança entre as opiniões, embora a diferença das faixas etárias aqui encontrada, mostrou que estereótipos associados à

idade nem sempre são reais. Investigações que evitassem marcadores, como a idade cronológica, poderiam contribuir para a construção do conhecimento sobre o sentido que as pessoas atribuem aos elementos culturais da nossa sociedade, para além de critérios fechados como a etapização da vida.

O fenômeno sonoro e musical que envolve o viver parece ser mais do que um conjunto de sons estruturados ou não. Vida e música são dimensões existenciais interligadas. Os sons acompanham a existência humana. Batimentos cardíacos, respiração, brinquedos de roda, canções, melodias, ruídos, vozes, são sonoridades que humanizam o cotidiano. A música como um meio, expressa dimensões cognitivas, emocionais, sociais, potencializa processos subjetivos. A música como um fim, encanta, embeleza, dá sentido ao dia a dia. A construção do conhecimento sobre as interações entre a música e os processos vivenciais humanos ainda desafia a Ciência. Espera-se, no entanto, que esse estudo possa contribuir para a fundamentação teórica do campo da Musicoterapia e de áreas afins, no que diz respeito à utilização da música e seus elementos como mediadores do processo comunicativo.

## Referências

ABRAMO, H.; BRANCO, P. *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ASSANO, C. Por Uma “Escuta Pensante” dos Cenários Sonoros da Cidade. *Anais do V Congresso Latinoamericano do International Association of Popular Music*, Rio de Janeiro, 2004.

ACOSTA-ORJUELA, G. O uso da televisão como fonte de informações sobre a velhice: Fatos e implicações. Em A L. NERI e G. DEBERT (Orgs), *Velhice e Sociedade* (pp. 179- 222). São Paulo: Papirus, 1999.

BRENNER, A, DAYRELL, J. & CARRANO, P. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens Brasileiros. Em H. ABRAMO e P. BRANCO (Orgs), *Retratos da juventude brasileira* (pp.175-214). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BRUSCIA, K. *Definindo a Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

FARR, R. *As raízes da psicologia social moderna (7ed.)* Petrópolis: Vozes, 1996.

GODELI, M.; MIRANDA, M. Avaliação de Idosos sobre o Papel e a Influência da Música na Atividade Física. *Revista Paulista de Educação Física*, 16, 86-99, 2002.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Revista Educação e Realidade*, 22, 15-45. 1997.

HARGREAVES, D.; ZIMMERMAN, M. Teorias do desenvolvimento da aprendizagem musical. Em B.ILARI (Org.), *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção* (pp 231-270). Curitiba: Ed UFPR,2006.

HARGREAVES, D.; NORTH, A. The social psychology of music. Em D. HARGREAVES e A NORTH (Orgs.), *The social psychology of music* (pp. 1-21). New York: Oxford University Press, 1997.

HAYS, T.; MINICHELLO, V. The meaning of music in the lives of older people: a qualitative study. *Psychology of Music*, 33(4), 437-451. Recuperado em 10 de junho de 2009 de [www.sagepublications.com](http://www.sagepublications.com)

HELLER, A. *O cotidiano e a história (2ª ed)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

IAZZETTA, F. Reflexões sobre a Música e o Meio. Em *Anais do XIII Encontro da ANPOM* (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música), São Paulo: ANPOM, 2001.

ILARI, B. Desenvolvimento cognitivo musical no primeiro ano de vida. Em B. ILARI (org.) *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música da percepção à produção* (pp 271-202). Curitiba: Ed UFPR, 2006.

ILARI, B. Música e relações interpessoais. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 191-198, 2006.

KUJAWASKI,G. *A crise no século XX*. São Paulo: Ática, 1985.

LEVITIN, D. *This is your brain in music*. USA: Plume Books, 2006.

LOPES, M. Inclusão escolar, currículo, diferença e identidade. Em M. LOPES; M. DAL'IGNA (Org), *EM Exclusão nas tramas da escola* (pp.11-34). Canoas: Editora ULBRA, 2007.

MAFFESOLI, M. *O ritmo da vida*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MILLECO, BRANDÃO, F.; M. MILLECO, A *È preciso cantar*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

PAIS, J. M. *Vida Cotidiana. Enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PALHEIROS, G. B. Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes em diferentes contextos. In B.ILARI (Org.), *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção* (pp.303-349). Curitiba: Ed UFPR, 2006.

PINHEIROS, R (2006). As práticas do cotidiano na relação oferta e demanda dos serviços de saúde: um campo de estudo e construção de integralidade. *Participação política e*

Rev. Cient. / FAP, Curitiba, v.7, p. 319-334, jan./jun. 2011.

*cotidiano da gestão de saúde*. Recuperado em 05 de maio de 2008 de [www.lappis.org.br](http://www.lappis.org.br)

RUUD, E. Music Therapy: improvisation, communication and a culture. Gislum: Barcelona Publishers, 1998.

SOUZA, J. Música, cotidiano e educação. Em J. SOUZA (Org.), *O cotidiano como perspectiva para a aula de música* (pp.17 a 32). Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

VYGOTSKY, L. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido em 10/05/2011.  
Aceito em 12/06/2011.